

**O QUARTO DOS PAPÁS: A  
TESSITURA DAS MEMÓRIAS  
E AS FIGURAÇÕES  
DOS RETORNADOS NO  
ROMANCE A GORDA, DE  
ISABELA FIGUEIREDO<sup>1</sup>**

*THE ROOM OF PAPAS: THE  
WEAVE OF MEMORIES  
AND THE FIGURATIONS OF  
RETURNEES IN THE NOVEL  
A GORDA, BY ISABELA  
FIGUEIREDO*

**Altair Sofientini Ciecowski<sup>2</sup>**

---

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Vera Maquêa no PPGEL/ UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras- PPGLetras da Universidade do Estado de Mato Grosso – *Campus* Universitário de Sinop. Professor efetivo da Educação básica do estado de Mato Grosso. E-mail: altairsofientini237@gmail.com

**RESUMO:** Pretende-se, por meio deste artigo, apresentar elementos que evidenciem a história, no âmbito da condição de retornados, dos pais de Maria Luísa, narradora e personagem protagonista do romance *A gorda*, de Isabela Figueiredo. Embasando-se de uma forma especial no capítulo do romance nomeado como “Quarto dos papás”, objetiva-se perscrutar as memórias vindas a termo nos relatos da narradora e, por seu intermédio, conhecer um pouco mais dos dramas e desventuras dos retornados pais de Maria Luísa que, nascidos em Portugal, migraram para Moçambique em 1952 e, por força das demandas políticas e sociais que se apresentaram no país africano, regressaram à Europa após a independência moçambicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Isabela Figueiredo; romance dos retornados; *A gorda*; memórias.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present elements that evidence the history, in the context of the condition of returnees, of the parents of Maria Luísa, narrator and protagonist of the novel *A gorda*, by Isabela Figueiredo. Based in a special way on the chapter of the novel named as “Room of the papas”, the objective is to examine the memories brought to term in the narrator’s reports and, through her, to know a little more about the dramas and misfortunes of Maria Luísa’s return parents who, born in Portugal, migrated to Mozambique in 1952 and, due to the political and social demands that arose in the African country, returned to Europe after Mozambican independence.

**KEYWORDS:** Isabela Figueiredo; *A gorda*; romance dos retornados; memoirs.

## INTRODUÇÃO

*Nem os tiros conseguem desfazer o silêncio da nossa partida, amanhã já não estamos aqui. Ainda que gostemos de nos enganar dizendo que voltamos em breve, sabemos que nunca mais estaremos aqui.*

(O retorno – Dulce Maria Cardoso).

Os aspectos principais da teia ficcional do romance *A gorda* (2018), publicado em Portugal em 2016, da escritora Isabela Figueiredo são, notadamente, os relatos das memórias da personagem narradora Maria Luísa e que envolvem seus relacionamentos, perdas, momentos felizes e decepções e, de maneira idêntica, a temática do culto ao corpo e da pressão social para uma estética do corpo feminino.

Embora no romance, Maria Luísa, ex-gorda, manifeste que esta é uma característica física que “a incomoda de tal maneira que parece colocar todo o resto em xeque [...]”, (FIGUEIREDO, 2018, contracapa), optamos por trilhar um outro caminho em nossa análise. O percurso que nos propomos a desenvolver nesta pesquisa envolve os pais de Maria Luísa na condição de retornados. A mãe, uma senhora “prendada, trabalhadora e dedicada. Sem caprichos nem veleidades. Com os pés bem fincados na terra.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 77) e o pai, que conforme lembra Bruno Mazolini de Barros, era um “típico colonizador português em África” e que se torna “um frágil homem em Portugal” (2018, p. 439). Pelos relatos da narradora, pretendemos analisar de que forma partiram para Moçambique, os dramas do retorno a Portugal e como vivenciaram esse trânsito. A expressão “retornados” aqui empregada remete aos cidadãos que, após a descolonização portuguesa em África e, neste contexto em particular de Moçambique, tiveram que voltar a Portugal.

O romance *A gorda* tem, em sua estrutura, uma distribuição dos capítulos de acordo com os cômodos da casa, onde cada um,

como bem lembra Barros, “revela-se como o centro espacial de uma determinada fase da vida da narradora ou de uma cena importante relatada” (2018, p. 438). O primeiro capítulo é a “Porta de entrada”, em que a narradora revela alguns aspectos da vida familiar; o segundo capítulo é o “Quarto de solteira”, em que os leitores acessam, principalmente, situações relacionadas à adolescência e juventude da personagem narradora; o terceiro capítulo leva o nome de “Sala de estar”, aqui, Maria Luísa passa a relatar situações de convívio com os pais, agora já em Portugal; o “Quarto dos papás” é onde temos a história e a vida dos pais; como quinto capítulo e o mais extenso, temos “A cozinha”, em que se anunciam as relações de Maria Luísa com sua mãe, bem como o local onde entendemos as questões que envolvem o processo de ganho de peso da narradora; o sexto capítulo é a “Sala de jantar”, em que, sem muita profundidade, vêm à tona memórias passageiras da narradora; no sétimo capítulo, nomeado “Casa de banho”, descortina-se a vida íntima de Maria Luísa, a vida sexual, o corpo, a maternidade etc. No último capítulo, “Hall”, a narradora deixa transparecer que para entrar nos outros cômodos é preciso passar por este (BARROS, 2018, p. 441). Aqui relatam-se situações vividas na adolescência, a relação com amigos e com o namorado David.

Para efeito de nossa análise, ainda que estejamos constantemente remetendo à obra de uma forma geral, debruçar-nos-emos especialmente sobre o capítulo denominado “Quarto dos papás”. A escolha se justifica tendo em vista que o quarto é, forçosamente, um lugar de intimidade e onde está presente, de uma forma especial, a história e a vida do casal.

Adotaremos em nossa análise a seguinte configuração: primeiramente abordaremos a vida dos retornados pais de Maria Luísa. Em nossa articulação propomo-nos a analisar desde a ida das personagens a Moçambique “em busca de uma vida mais digna” (FIGUEIREDO, 2018, p. 22), até o regresso e as implicações nele envolvidas, com as dificuldades de conceberem “a ideia de volta às terras onde tinham nascido” (Ibidem, p. 21).

Na esteira do texto literário, exploraremos ainda, neste tópico, algumas questões históricas que envolvem os retornados de

Moçambique, sendo que para este intento, seguiremos de perto os pesquisadores José Luís Cabaço (2009) e Tania Macêdo (2020). No segundo tópico, deter-nos-emos nos elementos fulcrais do capítulo “Quarto dos papás”, em que revisitaremos a tessitura das memórias de Maria Luísa e onde um cenário auspicioso se descortina, principalmente em relação ao pai.

## **1 - Moçambique, Portugal e o regresso: o romance dos retornados**

Pelos relatos da personagem narradora, Maria Luísa, é possível compreendermos um pouco de sua história e de seus pais, por meio de histórias que estão profundamente ligadas a dois países tão diversos: Moçambique e Portugal.

O pai de Maria Luísa nasceu em Caldas de Rainha (Portugal) em 1924 e nesta mesma cidade conheceu a mãe da narradora a quem compara ao Papa Francisco pelas características ligadas à bondade e humildade. O pai migra para Moçambique em 1952 e, algum tempo depois, pede a mãe de Maria Luísa em casamento. Casaram-se por procuração e ela “juntou-se lhe após arranjar vaga para a longa viagem no navio *Império*” (FIGUEIREDO, 2018, p. 22). Quanto às motivações da ida a Moçambique, a narradora alude ao fato de ser em “busca de uma vida digna” (Ibidem, p. 22).

Importante mencionar que, inicialmente, as pessoas que iam a Moçambique, de acordo com José Luís Cabaço, (2009, p. 59), eram “homens sem profissão, missionários corruptos, aventureiros sem escrúpulos”. Portugal precisava, portanto, rever essa situação, assim, era imperioso para a política de colonização,

(...) a criação de estímulos capazes de motivarem a emigração de gente qualificada, de camponeses com experiência, artesãos, operários, que dessem conteúdo à ocupação efectiva das colónias. Só com a consolidada presença de colonos se poderia criar uma base económica que respondesse às necessidades da burguesia da metrópole (CABAÇO, 2009, p. 59).

Tendo em vista que estamos nos referindo a aspectos que remetem para a descolonização de Moçambique em 1975 e que, como assegura Tania Macêdo “tematizam a volta dos antigos colonos portugueses do Império colonial à ex-metrópole”, entendermos ser necessário, como bem afirma a autora “pensar a presença portuguesa no território africano” (2020, p.116)

Os portugueses chegaram à atual região de Moçambique em 1498, iniciando o que seria uma longa presença no litoral da África. Segundo informações do site oficial do governo de Moçambique:

Os portugueses fixaram-se no litoral onde construíram as fortalezas de Sofala (1505), Ilha de Moçambique (1507). Só mais tarde através de processos de conquistas militares apoiadas pelas atividades missionárias e de comerciantes, penetraram para o interior onde estabeleceram algumas feitorias como a de Sena (1530) e Quelimane (1544).<sup>3</sup>

A presença europeia na região estabeleceu-se através de relações truculentas, conforme nos assegura Cabaço (2009, p. 29), “recorreram ao uso da força, normalmente em aliança com outros chefes locais”. Analogamente, o preconceito e a discriminação eram uma constante. De acordo com Ciecowski,

As pessoas eram divididas em três ‘categorias’: os portugueses, os indígenas e os assimilados. Os portugueses eram os europeus provenientes de Portugal e seus descendentes; os indígenas, (a maioria do povo moçambicano), eram a camada mais explorada, viviam sem direitos e excluídos; os assimilados eram os moçambicanos selecionados pelos colonizadores que por terem algum domínio do idioma português e aceitando renunciar à cultura de seu povo e a adotar costumes europeus, ganhavam alguns privilégios e empregos na colônia (CIECOSKI, 2020, p. 45).

Fundamentando-se numa crença de superioridade racial, os portugueses buscavam justificar o jugo que impunham ao país africano,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique/Penetracao-Colonial>. Acesso em: 18 nov. 2020.

referindo-se constantemente aos benefícios que estes poderiam ter com a administração e exploração da colônia, alegando que seria algo positivo ao povo moçambicano. Essa forma de pensar dos portugueses, mais tarde, acabou se convertendo em política de governo.

Como Moçambique já era tardio em sua descolonização, assim como outros países do continente africano, fortes movimentos nacionalistas se avolumaram. A luta por uma causa comum, isto é, a independência, fortalecia cada vez mais os moçambicanos. Dessa forma, a independência de Moçambique se deu em 25 de junho de 1975. A este momento histórico antecederam conturbados e dolorosos conflitos.

De acordo com Tania Macêdo,

A independência das ex-colônias portuguesas constituiu um processo sangrento, na medida em que houve um longo período de lutas que se iniciou em 1961 e se estendeu aos anos 1970, quando foram oficialmente declaradas as independências dos países africanos de língua portuguesa: Guiné-Bissau a 10 de setembro de 1974, Moçambique a 25 de junho de 1975 e no mesmo ano Cabo Verde a 05 de julho, São Tomé e Príncipe a 12 de julho e finalmente Angola a 11 de novembro (MACÊDO, 2020, p.117).

Após a independência, embora se esperasse a paz, não foi o que efetivamente aconteceu. Segundo Francisco Noa, “O período que se segue imediatamente à independência de Moçambique em 1975 será dominado por um grande fervor revolucionário [...]” (2018, p. 19).

Esse fato seria, mais tarde, uma fonte para a literatura produzida no período pós-independência. Conforme Cabaço, “a independência, que marca o fim da ‘situação colonial’, não representa, de facto, a ruptura radical com a sociedade colonial [...]” (2009, p. 320). Na realidade, novas demandas se apresentam, e com as rivalidades entre grupos que agora estão no poder, associados à forte influência exercida por outros países, Moçambique se encaminha para uma sangrenta e dolorosa guerra civil.

E é nesse clima que começam as fugas dos portugueses colonos para Portugal, sendo que a esses deu-se o nome de

retornados. A expressão foi cunhada no Conselho de Ministros e previsto na Resolução 105/76 de 5 de maio de 1976 e designava os portugueses que eram advindos das ex-colônias depois de 01 de setembro de 1974, desde que ali tivessem residido.

Júlio Magalhães no romance *Os retornados: um amor nunca se esquece*, embora trate na obra dos retornados de Angola menciona que “o regresso a Portugal era inevitável e tinha de ser feito a todo o momento e de qualquer maneira. Os homens começaram então a mandar as mulheres e os filhos para a metrópole” (2010, p. 54). Desse modo, essa foi uma realidade muito próxima àquela mencionada pela narradora de *A gorda*, como as de outros países africanos de língua portuguesa e que também estiveram sob o domínio colonial português.

Os relatos de Maria Luísa dão conta de que a personagem protagonista fora “mandada para Portugal em 1975, imediatamente após a independência” (FIGUEIREDO, 2018, p. 21), “para sua “segurança” (p. 25). O romance ainda nos apresenta como estava a situação de Moçambique, evidenciando que o sonho da independência ainda não tinha se concretizado: “Depois da independência não havia médicos, era a miséria absoluta, causada pelo caos da descolonização e pela guerra civil entre Renamo e Frelimo” (Ibidem, p. 35).

Embora Maria Luísa tenha sido enviada para Portugal, seus pais ainda permaneceram em Moçambique, “tentando reconstruir o que tinham perdido com a descolonização” (FIGUEIREDO, 2018, p. 25) e, somente em 1985 juntaram-se à filha. No regresso, os problemas de adaptação se apresentaram, conforme se depreende do texto literário:

Quando regressaram, os papás não conceberam a ideia de voltar às terras onde tinham nascido, porque haviam conhecido demasiado mundo para conseguir estabelecer-se na província. Isto nunca se disse, mas estava implícito (FIGUEIREDO, 2018, p. 21).

Além das questões que envolveram a (re)adaptação, importante ressaltar também que os retornados enfrentavam



uma forte rejeição em Portugal. Quando a família de Maria Luísa começou a ter problemas com os vizinhos não demorou a constatar um certo “azedume antirretornado” (Ibidem, p. 53) como causa principal.

Para além disso, o distanciamento da filha por 10 anos gerou uma série de desconfortos na relação de Maria Luísa com seus pais. Ainda que ela compreendesse com clareza que “tinha nascido em Moçambique, que estava empregada desses coloridos ares do sul” (Ibidem, p. 57), tinha novos amigos e eram portugueses e, entre eles “não se falava de África” (Ibidem, p. 57).

Acerca das relações que se estabeleceram por ocasião do regresso entre a narradora e seus pais, ocupar-nos-emos no próximo capítulo.

Para finalizar este tópico com as informações históricas que se amalgamam no texto literário, remetemos ao que, efetivamente, os retornados traziam das antigas colônias. Os colonos procuravam levar o máximo que podiam para seu novo destino e, de acordo com Tania Macêdo, “o símbolo desse movimento são os caixotes de madeira compensada que levam seus pertences” (MACÊDO, 2020, p. 117).

O romance, à guisa de exemplo, apresenta como os pais de Maria Luísa trouxeram seus pertences de Moçambique:

A mobília da casa da Matola, e praticamente tudo o que possuíamos, bem como os bens acumulados em Cahora Bassa pela mamã, nomeadamente serviços de louça e eletrodomésticos oferecidos pela República Popular de Moçambique, e colocados à venda nas lojas de cooperantes, chegou ao cais de Lisboa, em um caixote, em 1985” (FIGUEIREDO, 2018, p. 52).

Isto posto, o que se evidenciou pelos relatos de Maria Luísa, e que procuraremos trazer à luz no próximo capítulo, consoante as memórias da narradora, é que muito além dos pertences que trouxeram de Moçambique, “a casa de Matola jamais caberia na de Almada” (FIGUEIREDO, 2018, p. 53.). Haveria sempre um sentimento de incompletude por uma África que ficara para trás e que não poderia ser recuperada mesmo com todos os objetos que lhe faziam referência.

## 2 - Maria Luísa e o processo de construção da memória

Quando chegam à nova casa, em Portugal, é Maria Luísa quem decide qual seria o quarto de seus pais. O critério que adota é o de quem tem um profundo respeito por eles, e é sob esta ótica que a protagonista considera que “o quarto da frente é o principal no lar” (FIGUEIREDO, 2018, p. 76), e, com efeito, entende que deve pertencer “aos ocupantes dos lugares mais altos na hierarquia familiar” (Ibidem, p. 76).

E é no capítulo do romance “o quarto dos papás” onde está “compreendida, em especial, a história, a vida privada dos pais [...]” (BARROS, 2015, p. 439), que buscaremos os elementos para nossa análise acerca das memórias da narradora e que vão se descortinando aos pouquinhos, se transformando em prévias imaginações, e deixando transparecer as consequências que ficaram da distância que mantiveram, forçosamente, por ocasião da vinda de Maria Luísa de Moçambique.

Maria Luísa acreditava que “os objetos tinham uma aura” (FIGUEIREDO, 2018, p. 19)<sup>4</sup>, deveras, o quarto de seus pais, com seus objetos, acabaram se tornando potencializadores das memórias que viriam a termo brevemente. Antes disso, no entanto, cumpre salientar que o distanciamento da família, com a filha, que já estava morando em Portugal há algum tempo, provocou, por sua vez, um amortecimento nos sentimentos. A narradora refere-se a uma dificuldade que os pais tinham em conseguir vê-la como mulher em sua plenitude. De acordo com Maria Luísa, ao chegar da África nenhum deles era capaz de lhe “olhar como adulta” (p. 76). Inegavelmente uma parte da história da família se perdera e o relato da narradora confirma isso:

“Fui criança e depois mulher, e o que ficou pelo meio perdemo-lo os três”. Saltávamos dez anos no tempo e no espaço sem que as nossas mentes tivessem conseguido ajustar-se a viver na ausência e depois na presença adulterada (FIGUEIREDO, 2018, p. 76).

---

4 Como nossa análise neste tópico se aprofunda no âmbito do texto literário, doravante as referências quanto à obra objeto de nossa análise serão citadas apenas com o número da página.

Nas novas relações que se apresentavam para a família fica claro as dificuldades na convivência. “Como fazia para discordar dos papás?” (p. 76), refletia Maria Luísa, confirmando que o distanciamento provocara uma sedimentação no diálogo em família.

Nesse contexto, como família de retornados e considerando a distância mantida tanto tempo entre pais e filha, é que o texto literário nos provoca a ver nas memórias da narradora, uma tentativa de recuperar algo desse tempo que passaram distantes. Consoante o enredo do romance, e referindo-se à mãe, Maria Luísa afirma: “Há um imenso fosso de desconhecimento que nos separa. Faltam-nos dez anos de informações, os dez que estivemos separadas. Como nos construímos separadamente nessa ausência. Que pessoas nos tornamos?” (p. 68). Em relação ao pai, a memória que ela resgata, é uma construção com base nos relatos que foi escutando (p. 90).

Maria Luísa não chegou a conhecer a cidade do pai em Portugal, mas chegou a imaginá-lo “descalço sobre as ruas geladas da cidade” (p. 90). A imaginação de como o pai teria vivido no país europeu se sobrepõe às memórias do que efetivamente vivera com ele. Os sentimentos se confundem e a narradora apresenta-nos vários momentos em que se imbricam imaginação, desejo e memória. Elencaremos alguns momentos que julgamos ser importantes dentro do que Maria Luísa imaginara sobre seu pai:

a) “O papá a fugir à escola e ao professor mau” (p. 90). Deduz-se que são relatos de alguém que não teve a presença do pai no período escolar, e desconhece, por seu turno, se o pai tivera, no passado, em algum momento, contato com a escola. A dedução se confirma quando, na sequência, em seu relato, Maria Luísa afirma que não tem “fotos do papá na escola” (p. 90);

b) “O papá a contar que tinha sido colega do Mário Soares” (p. 90). Parece-nos que a filha tinha curiosidade sobre a vida do pai e sua influência política. Mário Alberto Nobre Lopes Soares foi um importante político que chegou a ocupar o cargo de Primeiro-Ministro de Portugal de 1976 a 1978 e de 1983 a 1985 e, ainda, de Presidente da República Portuguesa de 1986 até 1996. Era, portanto, “um cabrão da política” (p. 90). Maria Luísa, no entanto, parece ter claro que o pai não era um homem de grande influência,

e nossa dedução deve-se ao fato de que diante da mera conjectura do pai ter sido colega de Mário Soares, ela não hesita em afirmar: “nunca acreditei” (p. 90);

c) “O papá a roubar fruta do outro lado da linha do comboio” (p. 90). Parece-nos que existe aqui um forte componente sentimental sobre a ausência do pai nas “traquinagens” próprias da idade de adolescente e que o pai, pela distância, não pudera vivenciar com a filha. Maria Luísa indaga: “Vejo uma cerca. Houve ali alguma cerca?” (p. 90). A cerca, objeto da imaginação da personagem narradora, poderia referir-se às barreiras que se estabeleceram na relação entre pai e filha por ocasião do distanciamento entre eles;

d) “O papá a mentir à avó Maria Josefa no espaço exíguo da casa dos pombos” (p. 91). O distanciamento que se estabelecera na família não era somente com os pais. A lembrança da avó e o fato de o pai haver mentido, evidencia a ruptura dos laços familiares;

e) “O papá a rondar as mulheres casadas pelos esconsos da noite” (p. 91). A imaginação da narradora reporta à relação que o pai tinha com sua mãe. Parece-nos, pelos conselhos que a mãe dava à filha, como, por exemplo, ao mencionar que “as pessoas estão de passagem, por interesses diversos. Quando o interesse acaba, desaparecem” (p. 59) que as memórias de Maria Luísa retratam a vida de uma mãe que “casou sem amor” (p. 77) e escolhera como companheiro “um homem que conhecia muito vagamente” (p. 77), a verdade é que quando a família da mãe de Maria Luísa foi pesquisar sobre seu pai, descobriu que tinha muitas qualidades, mas “era dado a putas e amantes” (p. 77), mesmo assim, a mãe da personagem protagonista “sentia-se feliz por ter conseguido encontrar um parceiro que parecia poder oferecer-lhe uma vida melhor[...]” (p. 77). Não conseguimos vislumbrar, pelos relatos, um amor que pudesse sustentar um relacionamento sem infidelidades. Talvez, dessa forma, justificasse a imaginação de Maria Luísa sobre as relações do pai com outras mulheres.

Finalmente, como último elemento de nossa análise, nos momentos de efervescência imaginária da narradora, encontra-se o momento que seu pai está a “oferecer-se à mamã no café da prima pequeno burguesa” (p. 91), o que pressupõe que Maria Luísa tinha,

deveras, o sonho de um relacionamento idealizado dos pais, o que, na prática, não se concretizou. Os relatos da narradora sugerem que a configuração de “cenários compostos, luzes, som, ação [...]” (p. 91), enfim, de “todos estes lugares que nunca vi e existem na minha mente”, fazem parte de seus desejos mais profundos.

As memórias e lembranças de Maria Luísa levaram-na a reviver momentos importantes com os pais e, sobretudo, aguçar sua imaginação e pensar também na perspectiva do que poderiam ter sido como família. Embora a narradora mencione que o passado de seu pai tenha isso “um misterioso livro muito fechado” (p. 91), importantes e saudosas páginas desse livro foram lidas e a maior prova disso é de que muito tempo depois, já com a morte dos progenitores, ela manifeste seu desejo (aqui cabe uma leitura com um viés mais espiritual) de voltar “a encontrar o papá e a mamã”, talvez uma condição *sine qua non* para, enfim, perdoar-se “entre beijos doces e abraços violentos” (p. 154).

## **Considerações finais**

A proposta deste estudo que teve como *corpus* de pesquisa a obra *A gorda*, de Isabela Figueiredo, objetivou adentrar nos domínios do romance português recente que vem sendo definido pela crítica como “romance dos retornados”, tendo em vista a história dos que foram forçados a voltar para Portugal após a independência, no caso, de Moçambique. No romance, os eventos relacionados a esse acontecimento histórico são narrados pela perspectiva da protagonista Maria Luísa. Por meio das memórias da narradora evidenciaram-se os dramas históricos e existenciais que a condição de retornado legou a todos da família que regressaram de Moçambique.

Em nosso percurso teórico, inicialmente procuramos revisitar parte da historiografia do colonialismo em Moçambique com vistas a entender as razões, tanto da ida dos colonos portugueses a Moçambique que, em geral, alegavam estar em busca de uma vida melhor, como do regresso após a independência. No âmbito do romance, primeiramente Maria Luísa fora enviada a Portugal e,

posteriormente, toda a família regressou ao país europeu.

Acerca do colonialismo português em África de maneira geral, e em Moçambique de maneira particular, importante mencionar que foi um período extremamente nefasto para os povos colonizados. Não raro as relações que se estabeleceram entre os portugueses e os moçambicanos eram binárias, em que os portugueses se reconheceriam como “detentores” do conhecimento enquanto os moçambicanos eram vistos como selvagens. A essas relações injustas se somaram o racismo e a violência que acabaram por motivar processos revolucionários que culminaram com a independência do país africano em 1975 e, conseqüentemente, com o forçoso retorno dos colonos a Portugal.

De acordo com a protagonista “há assuntos que remetemos para gavetas, adiando o seu reconhecimento, embora já tenhamos percebido que aconteceram ou vão acontecer” (p. 89). Lendo o romance e abrindo estas gavetas, esmiuçamos as memórias da personagem narradora Maria Luísa, e encontramos elementos que evidenciaram os dramas de sua família, principalmente no que tange ao distanciamento familiar provocado por sua vinda a Portugal alguns anos antes de seus pais.

Face ao exposto, o que pudemos observar é que mesmo lançando mão de um pequeno recorte do romance de Isabela Figueiredo, foi possível refletir sobre a condição daqueles que regressaram de Moçambique. Aqueles que trouxeram apenas alguns caixotes com seus pertences, vivenciaram o drama do distanciamento dos filhos e, por fim, ainda tiveram que conviver com a rejeição dos próprios portugueses, que não aceitavam a presença dos retornados ao país.

## Referências

BARROS, Bruno Mazolini. Uma mulher, uma casa, um país: A gorda, de Isabela Figueiredo. **Via Atlântica**, São Paulo, n° 33, p. 437-443, jun/2018.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique. Identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CIECOSKI, Altair Sofientini. **Cantos, tambores e cadernos:** narrativas míticas, moçambicanidades e construção identitária em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. 2020. Dissertação. (Mestrado em Letras), Unemat, 2020.

FIGUEIREDO, Isabela. **A gorda.** São Paulo: Todavia, 2018.

MACÊDO, Tania. “O Romance português dos retornados” – A viagem de retorno ao império colonial português. Revista **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.12, n.22, p.115-126, (2020).

MAGALHÃES, Júlio. **Os retornados:** Um amor nunca se esquece. Lisboa: A esfera dos livros, 2010.

NOA, Francisco. **Uns e outros na Literatura Moçambicana.** São Paulo: Kapulana Editora, 2018.